

## Editorial



Osvaldo Cabral

osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

# O Povo é sábio

Fechou-se um ciclo nos Açores.

Ao terminar o absolutismo na região, à semelhança do que já tinha acontecido no país e na Madeira, os açorianos preferiram dar início a um novo ciclo, em que o partido mais votado terá que, necessariamente, negociar com outras forças políticas para poder governar.

Os Açores passam a ter um parlamento mais “colorido” e com outra dinâmica, com os partidos mais pequenos a fazerem de “charneira” com os maiores para se atingir maiorias.

O PS venceu as eleições, mas uma vitória com sabor a derrota, dada a enorme perda de votos, que só pode significar um castigo pela governação destes últimos anos.

Classificar este resultado como uma “grande vitória” é sinal de pouca humildade, reveladora do posicionamento da governação destes anos, em que, na verdade, faltou muita humildade em troca de alguma arrogância.

Os partidos estreados são os vencedores da noite eleitoral, mas se há rosto que pode respirar e aspirar a outras ambições é o líder do maior partido da oposição, que conseguiu levar o PSD a um patamar de votos que já não alcançava há muito tempo.

Apesar desta fragmentação de forças políticas na Assembleia Regional, a democracia fica mais fortalecida nos Açores e a próxima legislatura será interessante de seguir em termos políticos.

É uma meia surpresa o resultado eleitoral, porquanto havia a expectativa de que o eleitorado julgaria a governação de Vasco Cordeiro apenas pelo comportamento durante a pandemia.

E foi por aí que o PS ‘puxou’ a sua campanha, como era de prever.

O eleitorado castigou o PS por aquilo que fez na legislatura inteira, cujo balanço não é famoso.

Os problemas que os açorianos enfrentaram nestes últimos anos na área da Saúde, os resultados fracos na Educação, o falhanço completo na SATA e os inúmeros “casos” e trapalhadas envolvendo pessoas ligadas ao PS mereceram a reprovação de muitos eleitores que votavam socialista.

Tudo isso fará, certamente, os dirigentes do PS reflectirem e partirem agora para outro ciclo com outra serenidade e maior humildade.

A todas as forças políticas pede-se muita responsabilidade, sem euforias ou desânimos, porque os dias que aí vêm não serão nada fáceis.

Serenidade e responsabilidade é tudo quanto se pede neste novo ciclo.

No final, os eleitores saberão julgar cada um, como fizeram no dia de ontem.

O povo, de facto, é sábio.

### Sobre a abstenção

A abstenção mantém-se elevadíssima nos Açores e apesar da percentagem ter descido não é motivo para regozijo.

Mas o facto destas eleições ocorrerem nas circunstâncias que todos conhecemos, em que muita gente se terá resguardado em casa com receio da pandemia, o único consolo é que as expectativas de uma abstenção muito mais elevada não se confirmaram.

Apesar de tudo, tirando a abstenção técnica, muitos açorianos continuam de costas viradas para as eleições.

Já de 2012 para 2016 houve mais 17.600 eleitores que não foram votar.

Esta é, também, a consequência do péssimo trabalho do parlamento regional ao “congelar” a revisão do sistema eleitoral. Revela, por parte dos eleitores, um sinal de desconfiança da política, dos políticos e das instituições, mantendo um distanciamento e alheamento da vida pública que deveria envergonhar as forças políticas.

Esperemos, mais uma vez, que nesta legislatura se avance, finalmente, com as alterações necessárias ao sistema eleitoral, que possam contribuir para uma maior aproximação entre eleitos e eleitores. Propostas não faltam.

# “Geringonça” à esquerda ou à direita?

Sem maioria absoluta o PS, enquanto partido mais votado, vai ter que procurar noutros partidos o apoio parlamentar necessário para obter maioria.

Com 25 deputados, o PS irá precisar de mais 4 deputados, o que nenhum dos pequenos partidos possui.

A esquerda do BE já anunciou que não rejeitará um governo PS, porque é o partido mais votado e deverá ser o que deve governar, sendo que o CDS, com quem o PS negociou muitas iniciativas nos Orçamentos Regionais, poderá ser também um dos que possam viabilizar o governo



socialista.

O PSD, com 21 votos, está numa posição mais dificultada, porque precisaria de mais 7 deputados no Parlamento para obter maioria.

Só com os apoios do CDS, do Chega e do PPM lá chegaria, ou,

em alternativa a estes, o Iniciativa Liberal e o PAN.

O mais provável é que, na próxima legislatura, o PS continue a governar, negociando à esquerda e à direita, tal como acontece em Lisboa.

Tudo vai depender do poder negocial de Vasco Cordeiro e, certamente, da composição do seu novo Governo, que terá que ser mais dialogante, sobretudo a nível parlamentar.

Para tal, vai ter de constituir um governo com algum peso político, em detrimento de titulares técnicos.

A expectativa é que Francisco César, enquanto líder do Grupo Parlamentar até agora, e de que se fala como possível sucessor de Vasco Cordeiro, possa integrar o próximo Governo, ganhando mais peso político dentro do PS e no desempenho com as futuras negociações.